

A METAFUNÇÃO INTERATIVA EM VERBETES DE DICIONÁRIOS INFANTIS

THE INTERACTIVE METAFUNCTION IN CHILDREN'S DICTIONARY SCREENINGS

Thaísa Maria Rocha SANTOS¹

Antônio Luciano PONTES²

Resumo: Nosso trabalho traz a análise de verbetes de dois dicionários consagrados no mercado editorial: *Aurelinho. Dicionário Infantil ilustrado da Língua Portuguesa* (2008) e *Meu Primeiro Dicionário Houaiss* (2010). Analisamos os recursos semióticos presentes em alguns verbetes dessas obras, os quais foram escolhidos tendo como base critérios que priorizassem coincidências de ocorrências entre os dois dicionários. Ao todo, foram analisados seis verbetes, sendo três de cada dicionário (canguru, caramujo e coroa), à luz da Multimodalidade e da Metalexigrafia. Analisamos a Metafunção Interativa nos verbetes ilustrados, tendo como base a Teoria da Gramática do Design Visual (GDV), e observamos a organização dos verbetes dos dicionários infantis, tendo como referência as teorias da Metalexigrafia, por meio de estudos de teóricos como Welker (2008). Com os resultados obtidos nesta pesquisa, percebemos que os elementos multimodais são decisivos na construção do sentido global dos textos.

Palavras-chave: Metalexigrafia. Dicionário infantil. Multimodalidade. Metafunção Interativa. Gramática do Design Visual.

Abstract: Our work brings the analysis of entries from two dictionaries established in the publishing market: *Aurelinho. Dicionário Infantil ilustrado da Língua Portuguesa* [Aurelinho. Illustrated Children's Dictionary of the Portuguese Language] (2008), and *Meu Primeiro Dicionário Houaiss* [My First Houaiss Dictionary] (2010). We analyzed the semiotic resources present in some entries of these works, which were chosen based on criteria that prioritized coincidences of occurrences between the two dictionaries. Altogether, six entries were analyzed, three from each dictionary (kangaroo, snail, and crown), in the light of Multimodality and Metalexigraphy. We analyzed the Interactive Metafunction in the illustrated entries, based on the Theory of Grammar of Visual Design (GDV), and observed the organization of the entries in children's dictionaries, using Metalexigraphy theories as a reference, through studies by theorists such as Welker (2008). With the results obtained in this research, we realize that the multimodal elements are decisive in the construction of the global meaning of the texts.

Keywords: Metalexigraphy. Children's dictionary. Multimodality. Interactive Metafunction. Grammar of Visual Design.

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil; thaisa.r.s@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5932-876X>

² Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil; pontes321@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2091-8161>

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

Introdução

A Lexicografia é caracterizada por alguns autores, por exemplo, Casares (1992) e Martín (2000) como uma técnica de construção de dicionários. Segundo Dantas (2009), a Lexicografia se relaciona com os estabelecimentos teóricos da Lexicologia, sendo uma aplicação prática desta teoria. Além de a Lexicografia ser a ciência que se destina à composição de dicionários, ela também tem como enfoque a crítica de obras lexicográficas.

Vários aspectos têm contribuído para a valorização da ciência lexicográfica. A concorrência editorial, o uso pedagógico de dicionários – o que foi consequência da adoção de obras lexicográficas pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) – a modernização dessas obras, a necessidade de consulta dos mais variados públicos aos mais diversos tipos de dicionários e a evolução, inclusive tecnológica, destes fizeram com que a Lexicografia desse um enorme salto e passasse a interessar mais aos linguistas.

Por causa dessa nova forma de encarar a ciência lexicográfica, entre as décadas de sessenta e setenta, Hausmann (1990) passou a usar o termo Metalexigrafia ao se referir ao estudo crítico de obras lexicográficas. Porto Dapena (2002) usa o termo Lexicografia Teórica para nomear a ciência que estuda criticamente os dicionários e que contempla os seguintes campos de estudo: história da Lexicografia, organização do trabalho lexicográfico, princípios da Lexicografia monolíngue e plurilíngue, reflexões sobre a tipologia dos dicionários, teoria do texto lexicográfico e reflexões sobre a metodologia de elaboração do dicionário.

A classificação dos dicionários obedece alguns critérios. O principal deles é o direcionamento da obra ao seu consulente. Alguns recursos utilizados pelos dicionários podem ser facilmente explicados pela tentativa de adequá-los mais bem ao seu usuário, como é o caso do recurso da ilustração.

Dentre os dicionários ilustrados, encontram-se os infantis. Tendo como público-alvo crianças em fase de alfabetização, essas obras lexicográficas contam com recursos diferenciados das demais, como utilização de cores vibrantes na capa, fonte maior, página em formato mais largo e alongado, personagens que interagem com leitor e, um dos mais importantes, ilustrações.

Alguns pontos que devem ser investigados em relação às obras lexicográficas infantis dizem respeito à contribuição que as ilustrações nos dicionários infantis dão à compreensão, pelo usuário, do verbete.

Nosso trabalho se propõe, portanto, a estudar os recursos semióticos compostos por texto verbal e texto visual dentro dos dicionários infantis, buscando explicar como se dão, e entender como a disposição deles pode facilitar a aquisição da língua portuguesa para as crianças usuárias das obras lexicográficas.

Na fundamentação teórica desta pesquisa, tópico a seguir, tratamos da tipologia infantil das obras lexicográficas e da teoria que compõe a Metafunção Interativa, pensada por Kress e Van Leeuwen (1996).

Fundamentação teórica

Neste tópico, abordamos teorias fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Primeiramente, apresentamos teorias relacionadas à ciência lexicográfica, discorrendo sobre os dicionários infantis – tipo que mais nos interessa nesta pesquisa. Posteriormente, mostramos a teoria da Gramática do Design Visual (GDV), com foco na Metafunção Interativa, proposta por Kress e van Leeuwen (1996, 2006), pela qual situamos nossa análise.

Os dicionários infantis

Ao contrário do que muitos pensam, as obras lexicográficas voltadas para o público infantil são um dos tipos mais importantes de obras lexicográficas por serem introdutórias desse tipo de obra, exigindo cautela e clareza por parte do lexicógrafo ao compô-la, a fim de que os consulentes sejam devidamente atingidos. Para que haja um avanço na lexicografia para crianças, é necessário que a Metalexigrafia infantil cresça por meio do aumento do número de pesquisas nessa área, pois, ao serem criticados os dicionários, mais possibilidades existirão de estes serem aprimorados.

Devido aos seus objetivos tão peculiares, as obras lexicográficas infantis, as quais correspondem ao tipo 1, tendo como base os parâmetros do PNLD, possuem muitas características que as tornam diferentes dos demais tipos de dicionários, a começar pelo *design* gráfico. Ilustrações, entradas coloridas, páginas maiores; tudo deve estar disposto respeitando os objetivos da obra, dentre os quais está o de despertar o interesse e a curiosidade da criança. Apesar da necessidade de se respeitar certos padrões que os metalexígrafos defendem, muitos dicionários infantis são inadequados ao seu público. Zavaglia (2011, p. 4) opina

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

A Lexicografia para o público infantil pode ser entendida, a grosso modo, como a técnica de se registrar e repertoriar aquela fatia do léxico geral de uma língua que abarca itens lexicais próprios e singulares ao universo infantil, ou seja, de se compilar dicionários dirigidos ao público infantil. A partir do momento que partilho da ideia de que a Lexicografia é mais do que uma técnica e uma arte, é uma ciência; e enquanto ciência está sujeita à teoria e a etapas metodológicas, acredito que a mesma valoração deva ser empregada para a Lexicografia infantil, embora, esta última, a meu ver, esteja, ainda, aquém desses propósitos.

Percebe-se, dentro do universo dos dicionários escolares, que não há uma fixidez para se referir a um dicionário como infantil ou como escolar. Alguns autores, como Damim e Peruzzo (2006), propõem uma classificação dos dicionários escolares, dividindo-os em *dicionário escolar infantil*, *dicionário escolar para iniciantes*, *dicionário escolar padrão*, *dicionário escolar míni* e *dicionário escolar enciclopédico*. Alguns autores se utilizam de outras nomenclaturas para se referir a um dicionário infantil, como dicionário de iniciação ou pré-dicionário. A terminologia para se distinguir um dicionário escolar para crianças já alfabetizadas de um dicionário infantil não é constante, porém deve-se cuidar para que os dicionários escolares não sejam tidos como um tipo único que serve para qualquer estudante de diversas faixas etárias.

Referindo-se aos dicionários infantis, Hausmann (1990 *apud* WELKER, 2008) apresenta suas características gerais e fundamentais: (1) *Layout* claro, sem economia de espaço, com letras grandes, com amplo uso de cores, geralmente com um formato grande; (2) Imagens que ilustram todos ou a maior parte dos lemas; (3) Renúncia a algumas definições – quando estas existem, são fornecidas de modo não convencional; (4) Substituição da microestrutura convencional por textos narrativos, também chamados de narrativas lexicográficas; (5) Inexistência de informações sobre o lema – quando elas existem, são econômicas; (6) Ausência de abreviaturas; (7) Existência de “tarefas” no interior do dicionário; (8) Macroestrutura seletiva que gira em torno de, no máximo, 5.000 lemas, mas geralmente são entre 200 e 2.000; (9) Lemas que designam referentes concretos; (10) Destinatário que possui menos de dez anos de idade.

Voltando-se para o recurso da ilustração, utilizado na maioria dos dicionários infantis, vemos que é importante abordar o posicionamento dos diversos estudiosos a respeito do uso de recursos semióticos em obras lexicográficas semasiológicas. O uso de ilustrações como um recurso de elucidação do significado análogo ao disposto no modo verbal não é um consenso entre os estudiosos. Farias (2010) explica que, para Zgusta (1971), por exemplo, as imagens, embora realmente possam contribuir para aumentar o

poder informativo do dicionário, deveriam ser tratadas apenas como um adorno; e que Landau (2001), em consonância com Zgusta (1971), hesita em atribuir às imagens o mesmo peso de uma descrição verbal.

Há, por outro lado, autores que defendem o uso de ilustrações em dicionários de língua, mas não apenas como um recurso de elucidação do significado, e sim como uma forma de proporcionar aos consulentes informações enciclopédicas, por exemplo, Gangla (2001), que analisa a utilidade das ilustrações para a aprendizagem e memorização das chamadas *culture-specific words* em dicionários de línguas africanas. Do nosso ponto de vista, assim como no de Farias (2010, p. 7), as ilustrações em obras lexicográficas devem ser entendidas estritamente como mecanismos de elucidação do significado, pois, de acordo com a autora,

[...] uma imagem torna-se uma informação funcional em um dicionário semasiológico, na medida em que, consoante Kammerer (2002, p. 271), permite identificar um determinado objeto de forma mais rápida e mais simples do que uma descrição linguística permitiria na mesma situação.

Tendo como nosso objetivo de estudo analisar os recursos semióticos nos dicionários infantis – partindo da visão de Farias (2010) a respeito das ilustrações em obras lexicográficas –, estudaremos as teorias da multimodalidade, com base em Kress e van Leeuwen (1996, 2006), seguindo o preceitos da Gramática do Design Visual (GDV), para que o sentido da ilustração seja analisado e uma conclusão sobre os diversos modos semióticos em dicionários infantis seja alcançada.

Kress e van Leeuwen e a Gramática do Design Visual

Kress e van Leeuwen (1996, 2006), em sua obra *Reading Images: The Grammar of Visual Design*, discutem a importância das imagens e dos compostos visuais na chamada “paisagem semiótica” atual. Por haver autores tradicionais que não concebem à imagem a sua devida fundamentalidade, os autores criticam teorias semióticas tradicionais que apontam um papel apenas ilustrativo ao modo visual. Kress e van Leeuwen (2006, p. 47) desenvolvem estudos que anulam o pensamento de autores tradicionais defendendo que

[...] as estruturas visuais não simplesmente reproduzem as estruturas da realidade. Pelo contrário, elas produzem imagens da realidade que estão vinculadas aos interesses das instituições sociais no interior das quais as imagens são produzidas, circuladas e lidas. Elas são ideológicas. As estruturas

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

visuais nunca são meramente formais: elas têm uma dimensão semântica profundamente importante.

Com esse pensamento, os autores ressaltam o uso da imagem de uma maneira racional e crítica, assim como o modo verbal é tratado. É por isso que Kress e van Leeuwen propuseram um estudo dos compostos visuais: a Gramática do Design Visual (GDV).

No próximo subtópico, apresentamos a *Metafunção Interativa*, a qual classifica as relações estabelecidas entre observadores e recursos presentes nas ilustrações.

A Metafunção Interativa

A *Metafunção Interativa* refere-se ao modo como as pessoas, os objetos e os lugares retratados na imagem são mostrados na sua forma de interação com os observadores.

Para estabelecer relações sociais virtuais entre os *participantes representados* e o *receptor* da imagem, o *produtor* tem à sua disposição os sistemas do *contato*, da *distância social*, da *atitude* e da *perspectiva*. Além disso, é possível, ainda, o *produtor* usar o sistema da *modalidade* para codificar o valor de verdade que ele deseja que o observador atribua à imagem ou a qualquer outro modo visual. Veremos cada um desses fatores individualmente.

a) Contato

Os *participantes representados* podem ser retratados olhando diretamente para o *observador*. Estabelece-se, assim, um contato de *demand*. Nesse caso, segundo Kress & van Leeuwen (2006, p. 20), “o olhar do participante demanda algo do observador, demanda que o observador entre em algum tipo de relação imaginária com ele ou ela”. Outros elementos da imagem, como a *expressão facial* ou os *gestos dos participantes representados*, significarão exatamente o tipo de relação estabelecida, que pode ser de afinidade ou amizade, por exemplo. Agora, quando os *participantes representados* não olham para o observador, estabelece-se um contato de *oferta*.

Seguindo com o nosso estudo teórico, abordaremos a categoria de *distância social*.

b) Distância social

O enquadramento, isto é, a escolha entre *plano fechado* (*close-up*), *plano médio* ou *plano aberto*, em graus distintos, produz no leitor uma impressão de maior ou menor

distância em relação aos participantes representados. Para Kress e van Leeuwen (2006), essa impressão é codificada metaforicamente em termos de uma relação social mais ou menos íntima entre *representado* e *leitor*.

Continuaremos nosso apanhado teórico abordando o conceito de *perspectiva*.

c) Perspectiva

Outro sistema de construção de sentidos interativos envolvido na produção e recepção de imagens é a *perspectiva*, ou seja, a escolha de um “ponto de vista” ou um ângulo subjetivo de onde os participantes representados são captados. Segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 129), “isso implica a possibilidade de expressar atitudes subjetivas com respeito aos participantes representados, humanos ou não”.

A seleção de um ângulo no *eixo horizontal* tem o potencial de significar o grau de envolvimento do leitor em relação ao que é retratado; têm-se, aqui, duas possibilidades: a primeira é o uso de um *ângulo frontal*, sugerindo, segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 136), um envolvimento do leitor com os *participantes representados*, como se ambas as partes fizessem parte do mesmo mundo; a segunda é o uso de um *ângulo oblíquo* que, pelo contrário, sugere, de acordo com esses autores, uma relação de alheamento entre *participantes representados e interativos*, no sentido de que eles não fazem parte do mesmo mundo.

A escolha de um ponto de vista também se dá, ao mesmo tempo, no *eixo vertical*, o que tem o potencial de significar diferentes tipos de relações de poder entre *participantes representados e interativos*. Quando os *participantes representados* na imagem são mostrados a partir de um *ângulo alto*, ou seja, de cima para baixo, cria-se virtualmente uma relação em que o observador possui poder sobre eles. Ao contrário, ou seja, quando a perspectiva escolhida é de um *ângulo baixo* (imagem vista de baixo para cima), cria-se virtualmente uma relação hierárquica em que os *participantes representados* têm poder simbólico sobre o leitor.

A seguir, tratamos de questões referentes à *modalidade*.

d) Modalidade

Para Kress e van Leeuwen (2006, p. 156), é possível representar, através de certos marcadores de modalidade, visualmente “pessoas, lugares e coisas como se elas fossem reais, como se elas realmente existissem de um modo, ou como se elas não existissem

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

– como se elas fossem imaginárias, fantasias, caricaturas etc.” Dessa maneira, surgiu a classificação de *modalidade*.

Os principais marcadores de *modalidade* das imagens são a contextualização, o grau de detalhe e o tipo de reprodução das cores. Assim, uma imagem que apresenta os participantes representados contextualizados em um cenário bem detalhado, utilizando cores cuja saturação, brilho e modulação se aproximam do que é visto a olho nu serão encaradas como *naturalísticas* e possuirão um valor de verdade alto. Por outro lado, imagens que representam as pessoas, os objetos e as coisas sobre um plano de fundo neutro, ou num cenário pobremente detalhado, ou utilizando cores insaturadas ou supersaturadas, pouco diferenciadas ou superdiferenciadas, ou com um brilho fraco ou exagerado, ou ainda em preto e branco, são encaradas como não correspondendo à realidade ou ao tempo presente, e portanto, têm *pouca modalidade*. Em relação à modalidade, Santos (2011, p. 48) ressalta que,

[...] nos dias atuais, o padrão que se tem para determinar o valor de verdade, em termos naturalísticos, de uma imagem é o da fotografia colorida. Se um jornal publicar, hoje, uma fotografia em preto e branco, ela será lida como possuindo baixa modalidade, como não representando um fato real ou ainda como se referindo a um fato que ocorreu no passado. Há menos de um século, porém, num tempo em que a tecnologia não permitia produzir fotografias em cores, provavelmente as fotos em preto e branco recebiam um grau de modalidade maior. Dessa constatação, decorre também a afirmação de que a tecnologia de produção de imagens é outro fator que interfere no valor de verdade que um grupo social atribui às suas mensagens visuais.

Em relação à modalidade, Kress e van Leeuwen (2006, p. 165) tratam de quatro tipos de orientação: *orientação técnico-científica*, *orientação naturalística*, *orientação sensorial* e *orientação abstrata*.

Quando se trata de uma mensagem visual que incorpore um discurso mais científico ou tecnológico, a orientação para definir o realismo da imagem é outra: aquela que “define a realidade com base no que as coisas parecem genericamente ou regularmente” e que “considera o detalhe superficial e a diferença individual como efêmeros”, sondando “além da aparência visual das coisas” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 158).

Já no discurso do senso comum, por exemplo, que é o tipo de discurso compartilhado por todos os membros da nossa sociedade, sem distinção de formação intelectual ou profissional, a orientação seguida para codificar a modalidade de

uma imagem é a *naturalística*, na qual “a realidade é definida com base em quanta correspondência há entre a representação visual de um objeto e o que nós normalmente vemos desse objeto a olho nu” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 158).

A *orientação sensorial* é usada quando, Segundo Kress e van Leeuwen (2006, p. 158), “o princípio do prazer é o dominante: certos tipos de arte, propaganda, moda, fotografia de comida, decoração de interiores, etc.”, isto é, contextos nos quais “a cor é vista como uma fonte de prazer e sentidos afetivos”, e, conseqüentemente, transmite alta modalidade: vermelhos vibrantes, azuis tranquilizantes etc.

Já a orientação *abstrata* “é usada por elites socioculturais – na arte superior”, em contextos acadêmicos e científicos, e assim por diante”, ou seja, domínios discursivos nos quais “a modalidade é maior quanto mais uma imagem reduz o individual ao geral, e o concreto às suas qualidades essenciais” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 158).

No próximo tópico, abordaremos a metodologia da pesquisa utilizada para a realização deste trabalho.

Metodologia da pesquisa

Para delimitar o processo de análise de nossos objetos de estudo, dos quais tratamos logo mais à frente, utilizamos como ponto de partida para nossa análise a interação leitor/texto verbo-visual que é empregada nos dicionários infantis. Para isso, ater-nos-emos à *Metafunção Interativa*, proposta na GDV, já que ela trata da relação de interação dos objetos com o observador especificamente. As categorias que couberam na nossa análise foram: tipo de contato, uso do ângulo, escolha de enquadramento e modalidade.

Quanto aos estudos metalexográficos, analisamos as obras lexicográficas focalizando na disposição *Microestrutura*, observando os recursos multimodais utilizados nas obras e as relações entre eles.

Com relação à análise dos objetos de estudo selecionados, optamos pelo método quanti-qualitativo de caráter descritivo-comparativo, pois nosso objetivo não é apenas quantificar a ocorrência de um determinado fenômeno, mas analisar de modo descritivo tendo como base as teorias aqui discutidas.

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

Dos verbetes selecionados para pesquisa

Para compor os nossos objetos de estudo, fizemos um apanhado da quantidade de verbetes ilustrados nos dois dicionários em análise (*Aurelinho. Dicionário Infantil ilustrado da Língua Portuguesa*, do ano de 2008; e *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*, do ano de 2010) e visualizamos a letra do alfabeto, em cada um dos dicionários, que mais possui verbetes ilustrados. Em ambas as obras, a letra que mais possui verbetes ilustrados é a C. Tomando isso como base, delimitamos os verbetes a serem analisados aos verbetes da letra C, de acordo com os seguintes critérios:

1. Os verbetes têm que fazer parte das entradas dos dois dicionários;
2. Os verbetes têm que possuir linguagem verbal e visual tanto no dicionário *Aurelinho* quanto no *Meu primeiro dicionário Houaiss*;
3. Os verbetes têm que ser substantivos concretos.

Através desses critérios de escolha, delimitamos, portanto, nosso material de análise às seguintes entradas: canguru, caramujo e coroa. Essas 3 palavras-entradas serão analisadas em cada dicionário, totalizando 6 verbetes.

No tópico seguinte da nossa pesquisa, iniciaremos a análise dos verbetes.

Análise de dados

a) Verbetes da entrada *canguru*

- Dicionário *Aurelinho*

Figura 1. Verbete da entrada *canguru* do dicionário *Aurelinho*



Fonte: *Aurelinho* (2008)

Neste verbete, observamos uma definição mais detalhada dada através do modo verbal. O modo não verbal traz uma imagem cujos *participantes* são o canguru e o seu filhote.

Como podemos perceber, o canguru e o filhote não dirigem seu olhar ao leitor, não havendo nenhuma interação com o expectador. Temos, então, uma relação de *oferta*. A imagem apresenta-se em um *plano médio*, o que, além de contribuir com a pouca interação texto-leitor, transmite uma sensação de alheamento. Isso é intensificado com o posicionamento do animal em um *ângulo oblíquo*.

Quanto à modalidade, percebemos que os traços do animal não correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem, portanto, de *baixa modalidade*, mas que traduz as características genéricas dos cangurus, apresentando-se como uma imagem *científica*.

Seguiremos nossa análise abordando o verbete da entrada *canguru* do *Meu Primeiro Dicionário Houaiss* (2010).

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

- Dicionário *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*

Figura 2. Verbetes da entrada *canguru* do dicionário *Houaiss*



Fonte: *Houaiss* (2010)

Neste verbete, observamos uma definição mais detalhada dada através do modo verbal. O modo não verbal traz uma imagem cujos *participantes* são o canguru e o seu filhote.

Como podemos perceber, o canguru e o filhote não dirigem seu olhar ao leitor, não havendo nenhuma interação com o expectador. Temos, então, uma relação de *oferta*. A imagem apresenta-se em um *plano médio*, o que, além de contribuir com a pouca interação texto-leitor, transmite uma sensação de alheamento. Isso é intensificado com o posicionamento do animal em um *ângulo oblíquo*. Quanto à modalidade, percebemos que os traços do animal não correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem, portanto, de *baixa modalidade*, mas que traduz as características genéricas dos cangurus, apresentando-se como uma imagem *científica*. Percebemos que todas essas características citadas até o momento coincidem com o que foi analisado no verbete *canguru* do dicionário *Aurelino*.

b) Verbetes da entrada *caramujo*

- Dicionário *Aurelinho*

Figura 3. Verbetes da entrada *caramujo* do dicionário *Aurelinho*



Fonte: *Aurelinho* (2008)

Neste verbete, observamos uma definição com algum detalhamento dada através do modo verbal. O modo não verbal traz uma imagem cujo *participante* único é um caramujo.

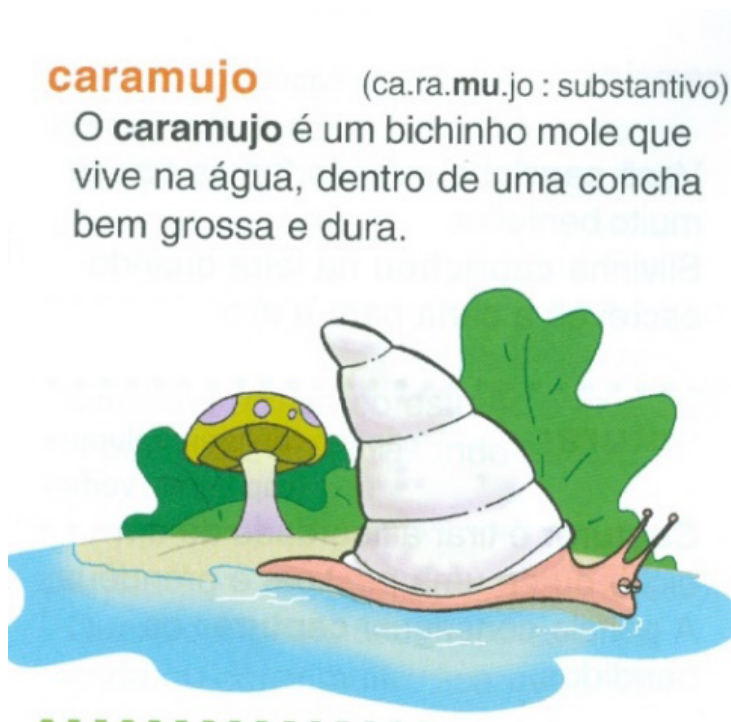
Como podemos perceber, o caramujo da imagem não dirige seu olhar ao leitor, não havendo nenhuma interação com o expectador, seria como se a criança-leitora não existisse. Temos, então, uma relação de *oferta*. A imagem apresenta-se em um *plano médio*, o que, além de contribuir com a pouca interação texto-leitor, transmite uma sensação de alheamento. Isso é intensificado com o posicionamento do animal em um *ângulo oblíquo*.

Quanto à modalidade, percebemos que os traços do animal são bem definidos e correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem, portanto, *naturalística*.

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

- Dicionário *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*

Figura 4. Verbetes da entrada *caramujo* do dicionário *Houaiss*



Fonte: *Houaiss* (2010)

Neste verbete, observamos uma definição com algum detalhamento dada através do modo verbal. Assim como no verbete *caramujo* do dicionário *Aurelinho*, podemos perceber que o caramujo da imagem não dirige seu olhar ao leitor, não havendo nenhuma interação com o expectador, seria como se a criança-leitora não existisse. Temos, então, uma relação de *oferta*. A imagem apresenta-se em um *plano médio*, o que, além de contribuir com a pouca interação texto-leitor, transmite uma sensação de alheamento. Isso é intensificado com o posicionamento do animal em um *ângulo oblíquo*.

Quanto à modalidade, percebemos que os traços do animal são genericamente definidos e que não correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem, portanto, *científica*.

c) Verbetes da entrada *coroa*

- Dicionário *Aurelinho*

Figura 5. Verbetes da entrada *coroa* do dicionário *Aurelinho*



Fonte: *Aurelinho* (2008)

Neste verbete, observamos uma definição mais detalhada dada através do modo verbal. São colocadas três acepções da palavra *coroa*: a primeira referente ao objeto precioso que reis e rainhas usam; a segunda a qualquer objeto circular que se usa na cabeça, independentemente do material; e a terceira ao campo semântico odontológico. Percebemos que há um excesso de acepções neste verbete, o qual é percebido pela inadequação da palavra *coroa* no contexto odontológico adotada pelo dicionário. Percebemos que o modo não verbal faz referência apenas à primeira acepção.

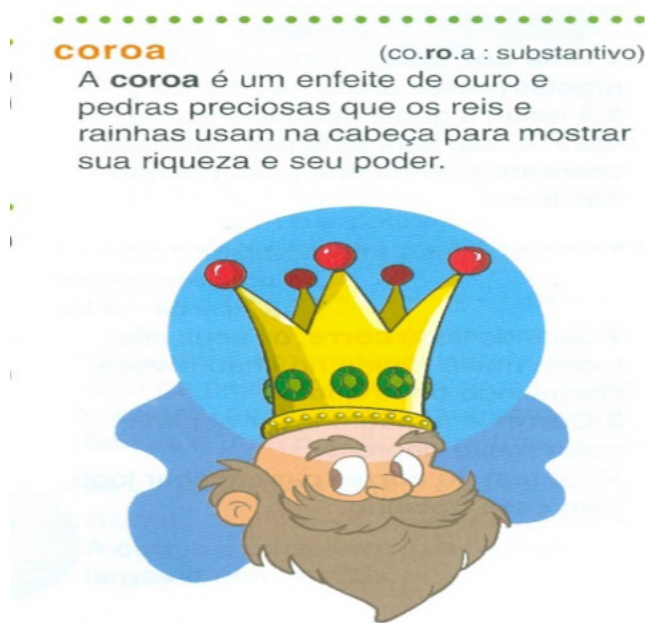
A imagem apresenta-se em um *plano fechado*, o que contribui para a observação dos detalhes do objeto e a sensação de familiarização com ele. Quanto à modalidade, percebemos que os traços da coroa correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem de *alta modalidade* e, portanto, *naturalística*.

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

Seguimos nossa análise abordando o verbete da entrada *coroa* do *Meu Primeiro Dicionário Houaiss* (2010).

- Dicionário *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*

Figura 6. Verbetes da entrada *coroa* do dicionário *Houaiss*



Fonte: *Houaiss* (2010)

Neste verbete, observamos uma definição com algum detalhamento dada através do modo verbal, porém, diferentemente do verbete *coroa* do dicionário *Aurelinho*, esse verbete traz apenas uma acepção. Esta é o mais comum significado dado a esse objeto.

Podemos perceber que o rei (*portador*) da imagem não dirige seu olhar ao leitor, não havendo nenhuma interação com o expectador. Temos, então, uma relação de *oferta*. A imagem apresenta-se em um *plano fechado*, o que permite a visualização dos detalhes do rei e da coroa, contribuindo para uma familiarização do leitor com a imagem.

Quanto à modalidade, percebemos que os traços da imagem são genericamente definidos e que não correspondem ao que visualizamos na realidade, sendo uma imagem, portanto, *científica*.

Resultados da análise

Quando analisamos os verbetes do dicionário *Aurelinho*, em relação à Metafunção Interativa, percebemos que todos os verbetes estudados trazem estabelecidos contatos de *oferta*. A maioria dos verbetes traz na composição da imagem o *ângulo oblíquo* e o *plano médio*. Apenas um verbete trouxe na sua composição o plano fechado (verbeta da palavra *coroa*).

Quanto à modalidade, dos três verbetes analisados do dicionário *Aurelinho*, dois apresentaram claramente uma modalidade alta, de orientação *naturalística*. Um apresentou orientação *científica*.

Dos três verbetes, dois trazem apenas *uma acepção* para a palavra-entrada. Um traz *mais acepções* para a palavra. Percebemos que algumas das acepções são desnecessárias, já que não se enquadram no universo infantil. Exemplo disso é a acepção no contexto odontológico da palavra *coroa*. Além disso, a ilustração desse verbete polissêmico se conecta apenas com uma das acepções. Percebemos, portanto, uma falha no uso interativo dos recursos semióticos de alguns verbetes analisados.

Outro fato interessante observado na análise dos verbetes do dicionário *Aurelinho* foi a diagramação da página, a qual não possibilita clareza na identificação de com qual verbete em modo verbal a imagem está se relacionando. Não há nenhum tipo de divisão (linhas ou pontilhados) entre os verbetes nem uma padronização da posição da imagem dentro deles.

Já nos verbetes analisados do *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*, visualizamos ocorrências mais padronizadas se comparadas às do dicionário *Aurelinho*.

Em relação à Metafunção Interativa, percebemos que todos os verbetes analisados neste trabalho trazem estabelecidos contatos de *oferta*. A maioria dos verbetes trazem na composição da imagem o *ângulo oblíquo*, o *plano médio*. Apenas um verbete trouxe na sua composição o *plano fechado* (verbeta da palavra *coroa*). Percebemos que, em relação à angulação e ao tipo de contato e de plano, os dois dicionários se assemelham muito em relação ao número de ocorrências. Quanto à modalidade, dos três verbetes analisados do dicionário *Houaiss*, todos apresentaram claramente modalidade de orientação *científica*. As ilustrações do dicionário seguem o que foi explicado no material anteposto presente na obra: elas são infantis e trazem cores vivas.

Em todos os verbetes analisados do *Meu primeiro dicionário Houaiss*, consta apenas *uma acepção* para cada palavra-entrada. Percebemos que há uma priorização daquilo que

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

faz realmente parte do universo infantil. O modo visual pode ser facilmente relacionado ao modo verbal, sem dificuldades de identificação, as quais ocorrem no dicionário *Aurelino*, em decorrência da diagramação da página, que traz pontilhados separando os verbetes.

Considerações finais

Produzir textos multimodais combinando imagem e palavra tornou-se um ato cada vez mais frequente nas práticas comunicativas contemporâneas. Percebemos, nas últimas décadas, um aumento na circulação de gêneros multimodais escritos apoiados em todo tipo de suporte. Em todos esses gêneros, notamos combinações atraentes, complexas e, algumas vezes, ousadas. Cientes da importância desse fenômeno, lançamo-nos a estudar a multimodalidade nos dicionários infantis, gênero muitas vezes desconhecido, mas que oferece uma enorme contribuição para o aprendizado vocabular das crianças.

Os resultados obtidos neste trabalho ratificam as ideias verificadas no embasamento teórico da nossa pesquisa: de que os elementos multimodais são decisivos na construção do sentido global dos textos e de que uma leitura verdadeiramente satisfatória e crítica dessas mensagens não deve ignorar a disposição e a escolha de uso desses elementos.

REFERÊNCIAS

CASARES, J. **Novíssimo dicionário inglês-español, español-inglês**. Madrid: Saturnino Calleja, 1992.

DAMIN, C.; PERUZZO, M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. **Cadernos de Tradução: tradução e lexicografia pedagógica**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 93-113, 2006.

DANTAS, H. Wikipedia e Dicionário Escolar: Links entre o Letramento Digital e Letramento Lexicográfico. *In*: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (org.). **Letramentos na Web. Gêneros, Interação e Ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 210-234.

FARIAS, V. S. O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos. *In*: **Anais do IX Encontro do CELSUL** Palhoça, Santa Catarina, out. 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Infantil da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GANGLA, L. A. **Pictorial illustrations in dictionaries**. 2001. Dissertation (Magister Artium) – University of Pretoria, Pretoria, 2001. Disponível em: <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-02272003-142207/>. Acesso em: 25 jul. 2017.

HAENSCH, G. *et al.* **La Lexicografía: de la Linguística teórica a la Lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. *In*: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. v. 1. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161. (Global universitária: Série linguagem, comunicação e sociedade)

HAUSMANN, F. J. La définition est-elle utile? Regard sur les dictionnaires allemands, anglais et français. *In*: CHAURAND, J.; MAZIÈRE, F. (ed.). **La définition**. Paris: Larousse, 1990. p. 225-233.

HOUAISS, A. **Meu primeiro dicionário Houaiss**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London and New York: Routledge, 1996.

LANDAU, S. **Dictionaries**. The art and craft of lexicography. 2. ed. Cambridge: CUP, 2001.

MARTÍN, M. del C.A. **El diccionario en la aula: sobre los diccionarios escolares destinados a la enseñanza y aprendizaje del español con la lengua maternal**. Granada: Ed. Universidad de Granada, 2000.

PORTO DAPENA, J.-Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos Libros S.L., 2002.

SANTOS, F. R. **Multimodalidade e produção de sentidos em editoriais de revistas**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Letras, Pau dos Ferros, 2011.

WELKER, H. A. **Panorama Geral da Lexicografia Pedagógica**. Brasília: Editora Thesaurus, 2008.

- | A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis

ZAVAGLIA, C. A lexicografia para o público infantil: uma análise macroestrutural de dicionários brasileiros. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, v. 2, n. 2, 2011.

ZGUSTA, L. **Manual of Lexicography**. Prague/Paris: Academia/Mouton, 1971.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SANTOS, Thaísa Maria Rocha; PONTES, Antônio Luciano. A metafunção interativa em verbetes de dicionários infantis. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 260-279, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i3.2127>

Submetido em: 26/07/2018 | Aceito em: 09/10/2020.
